

AS INCERTEZAS DOS RACIOCÍNIOS, SONHOS, PESADELOS E O APRENDIZADO

Apolo Heringer Lisboa_ – Janeiro de 2024

Este texto será leve. Apesar de tudo que aconteceu com a gente, de dor e lágrimas, as amarguras não podem prevalecer sobre a esperança. O tempo que permite a reciclagem, essa *ressurreição*, cobra coerência e coragem interior. Esta obra não é epitáfio. O mais importante é nosso deslumbre enquanto sujeito e objeto da história vivendo, no mistério da vida, a construção da mentalidade universal.

Somos produtos diretos das gerações que viveram a grande guerra de 1939-1945, o pós-guerra e a chamada *guerra fria*, o período Vargas que reestruturou a economia, o golpe civil-militar de 1964, a Anistia e a promulgação democrática da Constituição de 1988 e os dias de hoje. Somos atores e testemunhas vivas das crises globais explodindo em nosso continente. Aqui a Europa aportou em 1500 trazendo a cultura do Império Romano, da Grécia e dos hebreus, impondo ao Brasil a terrível experiência da escravidão dos autóctones e africanos desde 1532, com as Capitâneas. O mercado do açúcar na Europa fortaleceu a burguesia de lá, presente aqui também nas plantações e usinas do agro e na navegação, catalisando a revolução industrial do século XVIII que viria dois séculos depois. Assim, o Brasil teve um protagonismo internacional sem precedentes para uma colônia, condição ímpar de se tornar sede de um Império presente em quatro continentes. A introdução do modo de produção capitalista criou uma realidade política e econômica avassaladora e criou condições favoráveis às descobertas fundamentais na física, química, biologia e ciências sociais com avanços tecnológicos numa magnitude e velocidade jamais vistas. Claro que tudo isso foi resultado de séculos de acúmulos qualitativos e quantitativos em conhecimentos e experiências vividas pela humanidade em todos os níveis

imagináveis, em todas latitudes e hemisférios. A ordem global foi sendo alterada num ritmo vertiginoso, sistêmico, desigual e combinado, pleno de abundância e fome, melhorias dos indicadores de saúde, aumento da população, guerras, epidemias, depressões e perplexidades.

Longevas estruturas feudais, monárquicas, absolutistas, tiranias religiosas foram sendo arremessados para a beira da estrada, os vencidos ou enganados buscavam vinganças se preparando para restaurar seus poderes. Levantes operários e populares para derrotar os abusos do capitalismo na Europa e demais continentes fracassaram inicialmente e a burguesia empoderada consolidou seu poder global. Mas as duas grandes guerras no século XX expuseram as fragilidades políticas do sistema capitalista no plano internacional ampliando difusamente a resistência anticolonial e anti-imperialista.

Guerras intercapitalistas, revoluções populares, social-democracia, comunismo.

O continental império russo **czarista**, já mal das pernas, acabou sendo arrastado para uma complicadíssima guerra (**1914-1918**) imposta por alianças regionais que se alteraram em pleno conflito. Insatisfações empurraram a Alemanha recém unificada a declarar guerra à Rússia já ligada à Entente França e Inglaterra. Nesse *imbróglio* caótico de derrota militar o poder político czarista colapsou e o partido bolchevique, liderado por Vladimir Lênin assumiu o poder, à frente de um avassalador movimento popular que uniu uma população faminta e soldados de um exército derrotado. Lênin foi capaz de proclamar a **república** e manter a unidade do Império herdado pela revolução. Evento de grande significação geopolítica, a revolução russa transferiu um grande império monárquico e ortodoxo às mãos de uma revolução popular com lideranças altamente competentes no que havia de mais avançado na Europa. Esse

bloco de países escapou do controle político e econômico da Europa ocidental.

Lênin negociou a paz em separado com a Alemanha para aliviar a pressão (interessava aos dois lados, a Alemanha estava sendo derrotada), alimentar o povo, resolver a gravíssima questão militar e reorganizar o aparelho estatal para fazer frente a uma aliança do capital industrial e financeiro que derrotou a Alemanha decidido a asfixiar a república dos **soviets**, articulado a um levante contrarrevolucionário na Rússia. Armou-se uma guerra civil contra os bolcheviques. Esse surto revolucionário foi o primeiro broto da **segunda onda** de revoluções industriais se expandindo pela Europa oriental e com uma novidade: **sem liderança burguesa!**

Uma multidão armada e convulsionada com lideranças emergentes em busca de um rumo, com muita teoria marxista na cabeça, que refletia a Europa ocidental capitalista avançada. Mas a URSS era uma grande fazenda monárquica com camponeses fieis à igreja ortodoxa trabalhando com arados de madeira e tração animal, um país sem eletrificação, com Moscou e Petrogrado sendo ilhas urbanizadas naquele mundo continental atrasadíssimo, falido e traumatizado. Esses acontecimentos na Rússia marcaram profundamente a **história do Brasil** vivida por nossas gerações.

Na sequência, veio a revanche alemã, explodindo a segunda guerra (**1939-1945**), ensejando a **terceira onda** republicana de revoluções na Europa oriental, na Ásia, Oriente Médio e África, inclusive movimentos sem nenhum vínculo com o marxismo, como na África e entre muçulmanos. Essas ondas se encaminharam naturalmente para revoluções industriais numa conjuntura de afirmação nacional popular anticolonialista e anti-imperialista se aproveitando da guerra entre as potências capitalistas. Mas

o discurso da maioria desses movimentos ou era marxista ou assim acusada. Essas nascentes repúblicas não tinham como executar a proposta clássica comunista de países industrializados com um proletariado amadurecido nas lutas sociais e democráticas e com liderança social-democrática experiente. Só tinham a miséria para dividir e terras. Mas era o discurso dominante na revolta capaz de mobilizar as massas populares pobres, como um mundo fantástico a ser alcançado, inclusive tinha apoio dos comunistas europeus marxistas como Lênin e Trostsky. **Importantíssima essa questão teórica!** Uma coisa é revolução popular proclamando a república. Outra é revolução comunista, segundo Marx e Engels. Kautsky abordou essa questão, vejam adiante. E Lênin improvisou a teoria de queimar etapa para saltar direto ao comunismo, com a industrialização acelerada e a tentativa do coletivismo na agricultura. Mao também viveu esse dilema.

Essas tarefas republicanas teriam que ser a industrialização não o controle da produção industrial capitalista inexistente até então, pois não havia liderança burguesa independente nessa periferia. Assim, tateando, essas repúblicas foram implantando reformas econômicas com foco na industrialização e na tumultuada reforma agrária defesa contra a restauração monárquica, colonial e imperialista, pragmaticamente consolidando um estado burocrático forte dominada por um partido militarizado numa sociedade pré-industrial. Para alguns, ficou sinônimo de repúblicas comunistas, um equívoco pleno de consequências que a história devolveu à praia! E que explica o colapso do bloco soviético, afundado em sua crise congênita e constitutiva, hereditária podemos dizer, acelerado com a queda do Muro de Berlim em 1989.

Aqui destacamos evento histórico notável no continente americano, a **Pacha Mama** dos indígenas. A independência do domínio europeu precedeu em mais de um século a

independência asiática, do oriente médio e africana, foi bem antes de 1850. E, no entanto, ficamos semiparalisados diante da dependência à Londres e Washington, sobretudo após a doutrina Monroe. Aqui no Brasil, os embates entre a proposta das reformas de base no governo João Goulart, as velhas lutas do PCB e a reação da direita que desfechou o golpe civil-militar de 1964 refletiam a radicalização da guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética e os acontecimentos em Cuba, na China e Vietnam. Washington apresentava os conflitos como sendo entre capitalismo e comunismo, democracia e ditadura, Deus e os ateus, mitos fortíssimos martelados na cabeça do povo.

Quando fundamos a **Colina** – Comandos de Libertação Nacional-MG, por volta de 1967, esboçamos essa discussão do caráter do movimento que teria que ter implicações importantes na construção das alianças, mas não teve. A União Soviética tinha hegemonia no movimento comunista internacional enquanto a China de Mao e no Vietnam de Ho Chi Minh formaram amplas frentes populares de união nacional durante e após a segunda guerra. Enquanto isso a Rússia mantinha a opressão colonial em seu império! Mao e Ho Chi Minh perceberam a importância de esclarecer a **contradição fundamental** (Capital e Trabalho) de um período histórico maior, da **contradição principal** da conjuntura imediata (**interesse nacional e imperialismo ou colonização**). Isto permitiria romper a polarização levada a cabo pela propaganda imperialista da guerra fria, que era falsa e talvez interessasse à política da União Soviética.

Numa perspectiva histórica sugiro consultas a Karl Marx, ao austríaco Karl Kautsky e ao russo Georgi Plekhanov, algumas de minhas referências nesse tema. Georges Marchais um conservador presidente do PC Francês apoiava a estratégia soviética de condicionar a independência nacional das colônias russas e francesas, nesse caso cito aqui Vietnam e

Argélia, à vitória comunista mundial! O nome URSS era um eufemismo imperial que acabou provocando forte resistência política e cultural à Rússia em toda a região. O nacionalismo não morreu politicamente nem culturalmente. Nem economicamente.

Todas repúblicas populares priorizaram, de fato, a industrialização com fim de manter sua autonomia nacional inclusive militar. China e Rússia chegaram a entrar em guerra na Mongólia. Nessa época as divergências eram tão fortes que houve um acordo entre China e EEUU com viés antissoviético e a China aplaudiu o golpe de Pinochet no Chile, em sua estratégia geopolítica. O carácter capitalista de estado dessas repúblicas improvisou seus quadros como dirigentes de indústrias, inclusive amargando a necessidade de super exploração de seus trabalhadores num esforço de acumulação primitiva de capital. A dialética da história não se sensibiliza com *slogans* e *marketings* de ocasião produzidos por partidos.

O materialismo histórico é dialético! Por uma questão de honestidade intelectual é indispensável a leitura do livro A Ditadura do Proletariado de **Karl Kautsky**, que presidiu a segunda Internacional Comunista e foi destacado líder da Social Democracia europeia. Lênin foi membro do partido social democrático russo. Nossa geração não leu esse texto de Kautsky, incluo os antigos quadros do PCB. Kautsky não negava a revolução russa já em curso nas ruas, palácios e quartéis. Ele advertia Lênin que a revolução russa era de carácter democrático, popular, nacional de construção da revolução industrial o que permitia uma ampla aliança social e política republicana e não a ditadura do partido bolchevique em nome de um proletariado industrial inexistente. Mas a resposta de Lênin bloqueava a leitura de Kautsky e o diálogo pelo próprio título O Renegado Kautsky. Lamentável, **talvez** tivesse poupado a população e o partido de muitos traumas internos e conseqüentemente do estalinismo. Talvez no

futuro próximo o socialismo democrático trará a paz ao mundo e o respeito nas relações internacionais poderá ter um formato social-democrático com prevalência dos valores do trabalho sobre o capital e a superação noutra dimensão civilizatória da contradição Capital Trabalho.

Aqui, no pós-1964, por uma insuficiente formação teórica e da história do Brasil, de um marxismo leninismo copiado e a tendência a seguir modelos externos de forma dogmática nós cometemos o erro de opor ao militarismo de direita implantado em 1964 uma forma de luta com conteúdo militarista de esquerda, copiando erradamente que houve em Cuba, o que acontecia na China e no Vietnã. A direita se impôs com apoio dos EEUU e deu o golpe com significativo apoio social. Imitação e cópia nunca dão certo. Expus isto ainda em 1969 no texto Revolução no Foquismo, assinado Hélio Moreira, apresentado ao Congresso da VAR-VPR, em Teresópolis, que busco recuperar nalgum arquivo. Nós conhecíamos mais a história russa, chinesa e cubana que a brasileira e latino-americana. Àqueles e àquelas que heroicamente tombaram ou foram despedaçados na tortura e que realizaram ações libertando presos e presas da tortura e prisões ilegais, minhas mais sinceras e profundas homenagens a elas e seus familiares, amigos e companheiros mais próximos. Não quis priorizar falar de minhas atividades na luta armada na **Colina** (Comandos de Libertação Nacional), na DVP (Dissidência da VAR Palmares) e depois fundando o Projeto Manuelzão na área ambiental na bacia hidrográfica do Rio das Velhas. Priorizei abordar a conjuntura política que nos condicionou fortemente e as decisões que predominaram nos grupos. Quem quiser me dar a honra de conhecer-me melhor sugiro meu site e um vídeo da TV ALMG, programa Memória e Poder, com meu nome, os *links* estão abaixo. www.apoloheringerlisboa.com
<https://www.youtube.com/watch?v=ouMnl2uMldE>